



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
HABILITAÇÃO PLENA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

ANA MARIA TEIXEIRA DA SILVA

**A QUESTÃO DA IDENTIDADE NA OBRA *O CONTO DA ILHA
DESCONHECIDA*, DE JOSÉ SARAMAGO.**

MONTEIRO- PB

2015

ANA MARIA TEIXEIRA DA SILVA

A QUESTÃO DA IDENTIDADE NA OBRA *O CONTO DA ILHA
DESCONHECIDA*, DE JOSÉ SARAMAGO.

Monografia apresentada, sob a orientação do professor Dr. Márcio dos Santos Gomes, ao Curso de Licenciatura em Letras, do Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de licenciado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

MONTEIRO - PB
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586q Silva, Ana Maria Teixeira da
A questão da identidade na obra o conto da ilha desconhecida,
de José Saramago [manuscrito] / Ana Maria Teixeira da Silva. -
2015.
34 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Exatas, 2015.
"Orientação: Prof. Dr. Márcio Dos Santos Gomes,
Departamento de Letras".

1. Identidade. 2. Saramago. 3. Crise de identidade. 4. Conto.
I. Título.

21. ed. CDD B869.3

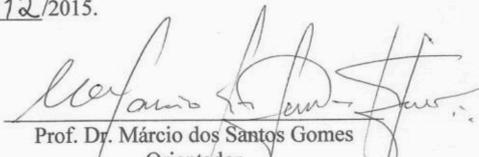
ANA MARIA TEIXEIRA DA SILVA

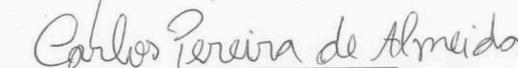
**A QUESTÃO DA IDENTIDADE NA OBRA *O CONTO DA ILHA
DESCONHECIDA*, DE JOSÉ SARAMAGO.**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Letras-Habilitação plena
em Língua portuguesa, em cumprimento
à exigência para obtenção do grau
Licenciada em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr Márcio dos Santos
Gomes

Aprovada em 04/12/2015.


Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes
Orientador


Prof. Ms. Carlos Pereira Almeida
Examinador


Prof. Esp. Wellington Carlos de Sousa Silva
Examinador

Dedico este trabalho a minha família que sempre esteve me apoiando no curso de graduação em especial a minha mãe, pelas angústias e preocupações que passou por minha causa, por ter dedicado sua vida a mim, pelo amor, carinho e estímulo que me ofereceu, que sem dúvida alguma, plantou em mim forças para que eu pudesse chegar ao fim. Dedico-lhe, essa conquista como gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus por este sonho realizado, pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos surgidos nesta fase da minha vida. Segundo a minha mãe e irmãos que me deram forças para seguir em frente. Agradeço ao meu tio João, que é meu símbolo de educação e compromisso, José por demonstrar que trabalho honesto é fundamental para ser um homem de bem, a minha tia Maria Aparecida, por ensinar que os estudos nos leva em frente, agradeço a ela por ser minha força no momento mais difícil de minha vida e a tia Izabel que me mostrou como a humildade é um dom.

Agradeço também a minha tia Fátima, já falecida, que acolheu a mim e meus irmãos quando minha mãe esteve doente. Aos meus amigos de turma que estiveram sempre do meu lado nos muitos momentos de alegrias, dificuldades, tristezas e tantos outros que passamos sempre juntos e unidos. E hoje são amigos que levo comigo ao longo de minha vida. Por fim, agradeço também aos professores do *Campus VI* (Monteiro) que ao longo do curso nos transmitiram toda sua sabedoria com paciência e respeito. Agradeço, também, a todos os outros profissionais que formam este *Campus* que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão do curso não só minha, mas de todos que estudaram, estudam e irão estudar.

As identidades, concebidas como estabelecida se estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera.

Stuart Hall

RESUMO

O presente trabalho pretende identificar alguns aspectos da crise da identidade em as personagens da obra *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, valendo-se como arcabouço teórico das obras: *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (2003) e *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), ambas de Stuart Hall e, também, de outros textos relevantes sobre o tema como Armani (2012), Becker e Braga (2014), Candido (2006), Calbucci (1999) dentre outros autores que serão citados no decorrer do trabalho. A justificativa está no fato de o conto abrir a possibilidade de se falar em identidade como transitória, tal como Hall a entende, instável e temporária, se observarmos a categoria *função* aplicada a determinados personagens. Dessa maneira, partiremos do conceito de identidade de Hall para abordar a categoria função no romance de Saramago assumindo que o autor do conto faça uso de personagens com suas identidades transitórias e não fixas que se aproximam dessa visão presente no teórico em questão. Assim sendo, nosso objetivo geral é destacar alguns aspectos, traços sobre a crise de identidade existente no conto de Saramago.

Palavras – chave: Identidade, Saramago, Conto.

RESUMEN

El presente trabajo pretende identificar algunos aspectos de la crisis de la identidad en los personajes de la obra *conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, valiéndose como arcabuco teórico de las obras *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (2003) e *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), ambas de Stuart Hall y también de otros textos relevantes sobre el tema como Armani (2012), Becker e Braga (2014), Candido (2006), Calbucci (1999) dentre otros autores que serán citados en el recorrer del trabajo. La justificativa está en el fato del cuento abrir la posibilidad de se hablar en identidad como transitoria, tal como Hall la entiende, instable y temporaria se observarnos la categoría función aplicada a determinados personajes. De esa manera, partiremos do concepto de identidad de Hall para abordar la categoría función en el romance de Saramago asumiendo que el autor do conto haga uso de personajes con sus identidades transitorias e no fijas que se aproximan de esa visión presente no teórico en cuestión. Así siendo, nuestro objetivo general es destacar algunos aspectos, trazos sobre la crisis de identidad existente en el cuento de Saramago.

Palabras – clave: Identidad, Saramago, Cuento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.O QUE É IDENTIDADE?	14
1.1 IDENTIDADE EM DIÁSPORA	15
1.2 CONCEPÇÃO ACERCA DA CRISE DA IDENTIDADE	19
2. OS TRAÇOS DA CRISE DE IDENTIDADE NO CONTO	22
2.1 ROMPIMENTO COM AS CATEGORIAS ESTÁVEIS SOBRE A IDENTIDADE	22
2.2 A CHEGADA NAS DOCAS: ABANDONO DA SEGURANÇA ESTÁVEL DA IDENTIDADE	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Normalmente, quando se fala no conceito de identidade, costuma-se pensar que identidade seja algo estável e constante. Assim sendo, a identidade representaria então um conjunto de características essenciais ao ser um humano que o definiriam integralmente como pessoa, expressando todas as informações seguras e confiáveis sobre a sua individualidade pessoal.

Essa confiança na estabilidade da identidade representa uma certeza sobre quem somos (autoconhecimento) e sobre aquilo que nos define como sujeitos. Contudo, recentemente a identidade não tem sido vista mais como um produto acabado, mas um processo em constante construção a partir das reflexões diárias do ser humano.

Nesta direção e neste sentido, a obra *O conto da ilha desconhecida*, escrita pelo escritor português, José Saramago, lançada no ano 1997, trata sobre a problemática da identidade em seus personagens, principalmente da ruptura da noção de estabilidade sobre a ideia de identidade.

O conto da ilha desconhecida é uma narrativa curta, podendo ser analisada pelo seu fator social e quando mostra a possível e aparente estagnação da maioria das personagens, submetidos sempre a sua condição à margem da sociedade da época. Em contrapartida, duas personagens saem dessa estagnação e partem à procura de sua própria identidade. Os mesmos procuram sair desse tempo de demanda social e dirigem-se para uma demanda existencial, com um olhar futuro para construir um sonho de esperança.

Dentre as personagens, a personagem feminina, *a mulher da limpeza*, nome anônimo escolhida por Saramago, que se destaca pela sua busca e troca de sua rotina enfadonha por uma viagem poética na busca de sua própria razão de existir. A própria temática da personagem gira em torno dessa busca, conforme a própria temática da narrativa: a viagem ou busca à *Ilha Desconhecida*, em outras palavras, o texto pode ser estudado como a busca por uma identidade desconhecida que está isolada ou ilhada do próprio indivíduo.

Neste conto, percebe-se o percurso de uma personagem em busca do conhecimento e da compreensão de si próprio, através da sua luta num determinado espaço social, onde existem regras que entram em contradição com seus sonhos e

aspirações mais profundas, que poderão se concretizar pela possibilidade de ação da personagem, que é o agente da sua própria transformação.

Dessa maneira, o conto, apesar de curto, não está isento de uma carga crítica, típica das obras de Saramago e não deixa a desejar na qualidade de sentido que possui para a vida em um contexto geral. É válido ressaltar que Saramago escreve obras engajadas que buscam conscientizar o leitor. No caso do conto citado acima, se lido superficialmente não se percebe sua criticidade, que está em suas entrelinhas.

Na época que o conto foi escrito, as paisagens culturais começaram a se fragmentar e modificar, transformando também as identidades pessoais, abalando a ideia que temos de que nós sejamos sujeitos integrados. Há uma perda do “sentido de si mesmo”, estável.

No presente trabalho, o foco será a análise das personagens, esta questão é abordada pelo autor de modos diversos, sempre a desconstruir um paradigma. Valendo-se, então, como corpus analítico, de *O conto da ilha desconhecida* (1997), de José Saramago, nos valeremos dos conceitos de identidade como categoria temática de análise, para discutir alguns aspectos do que venha a ser a crise da identidade no conto, optamos tomar como aporte teórico algumas contribuições da obra de Stuart Hall como: *A diáspora: Identidades e mediações culturais* (2003) para compor os objetivos da pesquisa em analisar a crise de identidade na pós-modernidade, tomando como centrais as mudanças estruturais que fragmentam e desconstruem as identidades culturais.

Stuart Hall (2003) defende que há um deslocamento ou descontração da concepção de identidade como estável ou fixa. Tal descontração da concepção de identidade fixa dos indivíduos, tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmo, constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. Esses processos de mudança tomados em conjunto, representam um processo de transformação e nos levam a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada.

Com a leitura de Hall (2003), foi possível perceber as diferentes formas de sujeitos, notando que, para além do sujeito sociológico, que estamos acostumados, há, ainda, um sujeito pós-moderno. Assim sendo, esta pesquisa justifica-se pelo fato da vasta e riquíssima obra no que se refere aos fatores social e literário, proporcionando sempre o embate e a indagação acerca do real e do ficcional.

Orientaremos-nos por outras publicações acadêmicas sobre a temática, como a dissertação “*Personagem e voz na figura feminina dos romances de Ana Miranda e José Saramago*”, de Abreu (2007) e, o artigo científico: “*A Personagem Feminina em*

Saramago”, de Luís Cláudio Ferreira Silva e Marisa Corrêa Silva (2010). A literatura portuguesa, devido à sua riqueza artística, tem a capacidade de causar inquietação e fascínio. E conseqüentemente, tais publicações científicas não abordarão a temática da identidade sob o arcabouço teórico de Hall. Além disso, também utilizaremos artigos científicos como: “*A discussão do conceito de identidade nos estudos*” (2012), de Rosa e “*Por uma Escrita Pós-Colonial da História: uma introdução ao pensamento de Stuart Hall*” (2012), de Armani. Assim como, também recorreremos há algumas concepções teóricas na obra *Crítica da Modernidade* (1994), de Allan Touraine que comenta essa problemática da identidade.

A profundidade que esse tema traz à tona, leva à reflexão acerca desse complexo sobre a identidade, o respectivo conto aborda uma figura flexiva, descontente. Como explicar, através da crise da identidade social de Stuart Hall (2003), os acontecimentos de cunho existencial e sociais apresentados na obra de Saramago. Dessa maneira, questionamos: Quais seriam os possíveis ranços ou resquícios de uma crise de identidade, típica do sujeito pós-moderno, que perpassa em alguns personagens na obra *O conto da ilha desconhecida* de José Saramago?

Diante dessa problemática estabelecida, tomamos como hipótese: os personagens da obra *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago apresentam alguns resquícios de uma crise do sujeito pós-moderno, desembocando em um processo de autoanálise, que busca a sua própria identidade. Assim sendo, nosso objetivo geral é destacar alguns aspectos, ranços ou traços sobre a crise de identidade do sujeito pós-moderno existente no conto.

Para atender os objetivos propostos neste projeto de pesquisa, faremos uma leitura exploratória sobre a temática para discutir os pontos que analisaremos na pesquisa. Esses pontos serão discutidos de acordo com a leitura do conto e com o devido apoio teórico das demais obras e produções científicas sobre literatura e crítica literária. Sendo que está pesquisa será desenvolvida na área de Literatura.

No primeiro capítulo, discutiremos o conceito de identidade, apresentados nas obras “*A identidade cultural na pós-modernidade*” (2006) e “*Da diáspora: Identidade e mediações culturais*” (2003) de Stuart Hall. Nessas obras, o autor destaca que a noção de identidade é definida como um processo permanente de (re) construção, descolamento e crises que passam o sujeito pós-moderno em meio uma sociedade em transformações. No segundo capítulo, discutiremos alguns dessas características da crise de identidade na obra de José Saramago, segundo a contribuição de alguns estudiosos

sobre a temática em particular, da maneira engajada como Saramago utiliza a literatura como instrumento de transformação social, é também um espaço que permite a construção da identidade do sujeito, valorizando os sujeitos anônimos, pois são eles que navegam em busca de conhecimento de si, ou seja, da própria identidade.

Deste modo, procuraremos analisar a identidade da personagem a “*mulher da limpeza*”. Como também, procuraremos mostrar a relação da identidade das personagens, com os papéis que os mesmos desenvolvem dentro da sociedade. Isso se faz presente quando no conto mostra-se que todas as personagens são descritas de acordo com a função social que desenvolvem na sociedade. Sendo que a obra de José Saramago apresenta de um modo geral, uma constante preocupação com os conflitos humanos, sendo estes internos e externos, suscitando reflexões sobre a condição humana em sociedade.

O trabalho com essa temática acompanha o autor desde seus primeiros escritos. Assim, ao se observar a postura de Saramago, seus romances parecem, frequentemente, demonstrar outro lado dos fatos, isto é, outras possibilidades, provocando reflexões diversas, e talvez até mudanças de comportamento, ao questionar valores e verdades.

1. O QUE É IDENTIDADE?

Neste capítulo, iremos discutir algumas características sobre o conceito de identidade, segundo a perspectiva das obras *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (2003) e *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), ambas de Hall. Essas obras tratam de uma temática da identidade a partir de uma perspectiva crítica, visando demonstrar alguns conceitos sobre a definição do termo identidade.

Também recorreremos há publicações acadêmicas sobre esta temática, como por exemplo, artigos científicos, dentre os quais: “*A discussão do conceito de identidade nos estudos*” (2012), de Rosa e “*Por uma Escrita Pós-Colonial da História: uma introdução ao pensamento de Stuart Hall*” (2012), de Armani. Além disso, também recorreremos há alguns concepções teóricas da obra “*Crítica da Modernidade*” (1994), de Allan Touraine que comenta essa problemática da identidade.

1.1 IDENTIDADE EM DIÁSPORA

Ao trabalhar com a temática da identidade na obra *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (2003), Stuart Hall indaga-se sobre o que é a identidade e como ela se correlaciona com todas as possibilidades oferecidas dentro da perspectiva de um mundo pós-moderno. Dessa forma, o autor se propõe a respeito deste tema, observar outras teorias sociais sobre o assunto. Dessa maneira, ao explanar sobre a questão do que realmente vem a ser essa “identidade”, se é algo concreto ou subjetivo, descritível ou não, o autor tenta estabelecer uma historicidade sobre os sistemas de identidades na sociedade ocidental, procurando demonstrar que não existe uma perspectiva fixa e sólida a esse respeito.

Hall afirma em sua teoria que não há apenas uma identidade capaz de qualificar um sujeito, mas que cada indivíduo possui diversas formas de se compreender como parte integrante da sociedade. Nisso inclui-se aspectos como etnia, raça, religião, assim como o pertencimento a vários tipos distintos de grupos sociais. Conforme Armani (2011) discorre a respeito da preocupação de Stuart Hall acerca da problemática da identidade:

Stuart Hall tem sido um intelectual atento a esse movimento das identidades, mas não num sentido simples, de observador de tais tendências, e sim como um autor que crítica – no sentido de pôr em crise – tais identidades. Entendo que esse pôr em crise as identidades é fundamentalmente histórico, não

porque ele simplesmente acompanhe o ritmo dessas mudanças na contemporaneidade – o que seria apenas fazer uma história diagnóstica –, mas sim porque questiona a historicidade desses sistemas de representação que são as identidades culturais, mesmo que se configurem num plano mais tópico, como as identidades menores, sejam elas de classe, de gênero, de grupo, de instituição, de família e de etnia (ARNANI, 2011, p. 03).

Este comentário tecido por Arnani (2011) a respeito da pesquisa de Hall sobre a identidade, como pesquisador que se importa com o *ritmo das mudanças* ou *atento a esse movimento das identidades* revela que o pesquisador se volta para um mundo em constantes transformações e mudanças, buscando diagnosticar como essas *representações culturais* ou identidades são definições históricas alteradas ao longo sociedade, em outras palavras, são frutos de condições culturais particulares específicas que se transformam.

Mas devemos considerar que o termo *fruto* não pode ser definido como produto acabado e pronto, Deve ser entendido como reflexo de uma condição cultural e histórica. Nas palavras do próprio Hall (2003), as identidades são reflexos de um contexto cultural em (re) construção e transformação constante, pois:

Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão anos a frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. Em suas formas atuais, desassossegadas e enfáticas, a globalização vem ativamente desenredando e subvertendo cada vez mais seus próprios modelos culturais herdados essencializantes e homogeneizantes, desfazendo os limites e, nesse processo, elucidando as trevas do próprio 'Iluminismo' ocidental. As identidades, concebidas como estabelecida se estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera (HALL, 2003, p. 44).

Neste ponto, o autor recusa totalmente os conceitos tradicionais a respeito da identidade como *definições homogêneas* e *estáveis*, pois segundo ele tais conceitos são inadequados e herdeiros de circunstâncias históricas passadas distintas dos padrões atuais e a das transformações sociais que passam a sociedade devido à globalização. A metáfora do naufrágio com que Hall atribui o descrédito a esses conceitos antiquados reflete a condição social de transformação que passam as sociedades, nas quais se necessitam de conceitos que considerem o processo de câmbio das sociedades, conforme o próprio Hall afirma (2003, p. 45):

Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livre se força da gestão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados não dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. Os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos estão irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia. Aquele inaugura um novo processo de ‘minorização’ dentro das antigas sociedades metropolitanas, cuja homogeneidade tem sido silenciosamente presumida. Mas essas ‘minorias’ não são efetivamente ‘restritas aos guetos’; elas não permanecem por muito tempo como enclaves. Elas engajam uma cultura dominante em uma frente bem ampla. Pertencem, de fato, a um movimento transnacional, e suas conexões são múltiplas e laterais. Marcam o fim da ‘modernidade’ definida exclusivamente nos termos ocidentais.

Essa importância que Hall (2003) oferece aos *movimentos transnacionais* e as *migrações livres* é determinante para compreender que o termo identidade se refere a algo efêmero, passageiro ou provisório, que está em processo de transição ou em fluxo em diferentes contextos culturais. Hall toma como explicação sua própria trajetória de vida para exemplificar essa questão, conforme cita Arnani (2011), o estudioso jamaicano que migra para a ex-metrópole inglesa para aprofundamento de seus estudos, que acaba em uma dispersão ou em uma diáspora cultural de sua própria identidade, como o próprio Hall prefere afirmar sua condição intelectual transeunte:

Há uma profunda relação do pensamento de Hall com sua própria situação histórica de migrante, de um sujeito pós-colonial que, ao se radicar na ex-colônia, teve de negociar sua própria identidade e se traduzir. Nesse sentido, Stuart Hall estudou letras em Oxford. Vinculou-se tanto aos militantes nacionalistas de nações colonizadas como aos meios da esquerda marxista, sem se filiar ao partido comunista. Em 1957, assumiu um posto de professor em uma escola secundária de Brixton, junto aos alunos dos meios populares, onde desenvolveu um projeto pedagógico que buscou levar em consideração a realidade de suas práticas culturais. Foi quando se fixou definitivamente na Grã-Bretanha não somente a sua identidade foi posta em questão, mas também a suposta autenticidade do eu colonial que sustentou o binarismo *aqui/lá* da autoridade colonial. Se um valor teórico, ainda nas suas palavras, recaí sobre sua recusa de uma perspectiva do *aqui e lá*, de um então e agora, de um em casa e no estrangeiro (ARNANI, 2011, p. 04).

Devido então, a essa condição dos estudiosos jamaicanos radicados na Grã-Bretanha, costuma-se situar a abordagem de Hall como pós-colonial, ou seja, quando a ex-colônia “importa” pensadores para a ex-metrópole. Conforme Hall (2003) frisa no seguinte fragmento da obra:

O pós-colonialismo surgiu como um modo de pôr em questão as velhas dicotomias que legitimaram a supremacia do eu nacional imperial. Como sugere o próprio escritor jamaicano, o termo pós-colonial não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época, mas releer a colonização como parte de um processo global essencialmente transnacional e

transcultural, produzindo uma reescrita descentrada, diaspórica e mesmo global das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação (HALL, 2003, p. 109).

A partir desse ponto de vista, Hall desconstrói as concepções fixas ou sólidas a respeito do termo identidade e atribui ao mesmo um caráter transitório, transnacional e transcultural.

Rosa (2014) se vale da perspectiva transcultural de Hall para explicar o que vem a ser identidade, como um objeto não-fixo ou muito estável, mas como uma identidade cultural, inserida em um contexto específico e particular:

A partir de *Identidade Cultural e Diáspora* que Stuart Hall descreve um posicionamento sobre as identidades culturais. Apoiado sobre uma perspectiva discursiva, particularmente localizado no texto, ele desenvolve um ensaio tendo como tema o cinema caribenho e o novo reconhecimento do povo do Caribe como negros, a descoberta de uma nova identidade a partir do tempo pós-colonial (ROSA, 2014, p. 03).

Além desse aspecto, Hall (2006) trata o termo identidade como processo de transformação e reconstrução, onde houve deslocamento do sujeito e das relações de poder que envolvem o mesmo:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. E impermeável a algo tão ‘mundano’, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades—os legados do Império em toda parte—podem forjar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento— a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor (HALL, 2006, P. 29).

A identidade, para Hall (2006), envolve um processo de dispersão constante que não está isento das mudanças sociais, pelo contrário ele é influenciada pelo mesma. A abordagem de Hall sobre a noção de identidade assume uma enfoque pós-estruturalista, sobre o indivíduo, a sociedade e a identidade:

De novo, não há aqui espaço para fazer mais do que elencar os progressos teóricos decorrentes dos encontros com trabalhos estruturalistas, semiótico e pós-estruturalista, a importância crucial da linguagem e da metáfora linguística para qual quer estudo da cultura; a expansão da noção do texto e da textualidade, quer como fonte de significado, quer como aquilo que escapa e a do significado; o reconhecimento da heterogeneidade e da multiplicidade dos significados, do esforço envolvido no encerramento arbitrário da semiose infinita para além do significado; o reconhecimento da textualidade e do poder cultural, da própria representação ,como local de poder e de

regulamentação; do simbólico como fonte de identidade (HALL, 2003, p.223).

Dessa maneira, Hall trata a concepção de identidade a partir de sua complexidade inerente, relacionado à identidade como um processo de dispersão da própria identidade, revelando a característica instável e temporária da mesma. A identidade passa a ser definida como um conceito temporário que não é homogêneo e tremendamente instável, pois segundo ele tais conceitos são inadequados e herdeiros de circunstâncias históricas específicas e conseqüentemente em constante transformação.

1.2 CONCEPÇÃO ACERCA DA CRISE DA IDENTIDADE

Na obra *A identidade cultural da pós-modernidade*, segundo Hall (2006) há três diferentes concepções de identidade que se relacionam às visões de sujeito ao longo da história. A primeira é denominada identidade do *sujeito do Iluminismo*, que expressa uma visão racionalista de sujeito, caracterizado pela centralização e unificação, em que prevalece a capacidade de razão e de consciência. Assim, entende-se o sujeito como portador de um núcleo interior que emerge no nascimento e prevalece ao longo de todo seu desenvolvimento, de forma contínua e idêntica.

Segundo Stuart Hall (2006), a chamada “*crise de identidade*” a qual muitos se referem, deve ser vista como um processo mais amplo de mudança em que, segundo o autor, desloca continuamente as estruturas e processos centrais das sociedades modernas. Tal processo não é necessariamente negativo ou muito menos positivo, pois toda mudança é radical e reestrutura os quadros de referência que possibilitava aos indivíduos até esse momento um apoio razoavelmente estável no mundo social. Tais transformações ou mudanças, além de mudarem nossas identidades sociais, abalaram também a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.

Essa perda do “sentido de si” é também denominada de deslocamento ou descentração. Esse deslocamento dos sujeitos, tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, constitui uma “crise de identidade”, posto que a dúvida e a incerteza substituem a coerência e a estabilidade. Assim, segundo Hall (2006), podemos vislumbrar três concepções de identidade ao longo da história: o sujeito do iluminismo, o sujeito social e o sujeito pós-moderno. Em uma comparação com outros

pensadores, como o francês Allan Touraine, na obra *Crítica da Modernidade* (1994), também afirma o surgimento do sujeito iluminista:

A idéia de modernidade, que parte sempre da confiança na razão, conhece, portanto, no direito e no pensamento político como na filosofia, uma bifurcação onde se separam um naturalismo, completado pela idéia de sociedade enquanto corpo social, e um individualismo dentro do qual se forma a noção de Sujeito (TOURAINÉ, 1994, p. 36).

Ainda de acordo com Arnani (2011), a matriz do pensamento de Hall pode se resumido nesta fragmentação da concepção de um sujeito, e por conseguinte na relação com o mesmo em sociedade, além disso:

Aqui, um dos pontos que me parece vir à tona no pensamento de Hall ao apreender a fragmentação do sujeito é um certo afrouxamento da dicotomia objetividade-subjetividade – tema que esteve no centro das indagações epistemológicas até um período recente. Se o sujeito pensado por Hall é algo posicionado e algo que se posiciona simultaneamente, parece decorrer daí que o cerne epistemológico de seu pensamento reside numa problematização em que, nem a objetividade é o centro das suas preocupações, nem a subjetividade (ARNANI, 2011, p. 29).

Portanto, a importância da teoria de Hall reside no fato que o sujeito está em constante transformação ou em processo de mudança, descartando qualquer princípio solidez ou imutável por parte do sujeito em questão, além disso, o autor tenta desconstruir essas perspectivas fixa e sólida a esse respeito da identidade em questão.

Hall (2006) ainda afirma sobre uma noção de uma segunda identidade sociológica, o sujeito sociológico, originado a partir de uma interação entre o sujeito ou o *eu* e a sociedade. Essa concepção de identidade nasce fruto das relações entre a sociedade e o sujeito, em outras palavras, a identidade sociológica é originada entre as relações entre o público e o pessoal. Essa noção de *sujeito sociológico* está relacionada ao aumento da complexidade do contexto social que envolve o homem, a cultura, os valores morais e as relações humanas, e como por seguinte, a dependência do homem há esse a contexto.

Nesta perspectiva, Hall (2003) define que o sujeito sociológico não autossuficiente ou muito menos autonomia em relação ao contexto social que faz parte. O sujeito sociológico então é definido como um produto ou fruto da interação com esse contexto social:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o 'interior' e o 'exterior', entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a 'nós próprios' nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados de que projetamos a 'nós próprios' nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os 'parte de nós', contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, 'sutura') o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quando os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2006, p. 34).

Em outra concepção, a identidade pode ser definida como um processo em transformação, como o próprio Hall (2006) cita, fragmentado, contraditório e não-resolvido. Essa concepção também é chamada de pós-moderna pois indica um processo de (re)construção da identidade inacabado ou provisório.

Essa concepção de identidade pós-moderna para Hall (2006) configura o estilo de identidade contemporânea, pois ela está engajada nas relações sociais em transformação. Dessa maneira, a identidade atual ou pós-moderna é marcada pela temporalidade e instabilidade que a rodeia. Assim sendo, a identidade pós-moderna é um reflexo do próprio contexto atual, deve-se encarada como algo passageiro e contraditório que não pode ser definido por estabilidade que não existe nas relações pós-moderna. Em suma, não existe para Hall (2006), havia uma probabilidade de uma identidade estável, fixa ou muito menos coerente com as transformações contínuas e transitórias que perpassam a pós-modernidade.

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão 'mudando'. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais 'lá fora' e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as 'necessidades' objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2006, p. 45).

Dessa maneira, a concepção de sujeito pós-moderno assume essas características identificatórias problemática, variável e contraditória, que revelam que essa nova concepção de identidade rejeita qualquer concepção de identidades fixas e consolidadas por si mesma.

2. OS TRAÇOS DA CRISE DE IDENTIDADE NO CONTO

Neste capítulo, analisaremos algumas características da crise de identidade que perpassam na obra de José Saramago, a partir da contribuição teórica de Hall sobre tal temática. Em particular, buscaremos identificar os traços de crise de identidade que ocorrem na personagem feminina do conto destacando, sobretudo, como a personagem do conto rompe com a noção de identidade considerada estável para ela e busca outras formas, possibilidades de identidades, embora sejam elas transitórias e instáveis.

Neste conto, a *Ilha Desconhecida* existem momentos de profundidade e reflexão sobre a existência das personagens encontrados durante a narrativa. De acordo com Becker e Braga (2012), os personagens do conto são retratados a partir de suas funções ou obrigações sociais, conforme “o personagem principal, o desbravador de ilhas, é caracterizado apenas como o homem que queria um barco, o homem que tinha um barco ou o homem do leme, e a sua companheira como a mulher da limpeza” (BECKER e BRAGA, 2012, p. 08).

O conto de Saramago, apresenta personagens marcados pela ausência de nomes próprios, mas identificados pelas funções que ocupam devidamente, como por exemplo, *o rei, a mulher da limpeza, o capitão, ajudantes* dentre outros que são apresentados no decorrer da narrativa, dentre eles, *o homem que buscava um barco* surgindo de forma repentina no palácio sem ter marcado uma audiência com o rei para lhe fazer um insólito pedido, que também poderia ser classificado então como ridículo devido à natureza do seu motivo, um barco para chegar há uma *Ilha Desconhecida*, totalmente incógnita para o rei e as demais pessoas até para o próprio pedinte.

2.1 ROMPIMENTO COM AS CATEGORIAS ESTÁVEIS SOBRE A IDENTIDADE

A personagem *homem que buscava um barco*, contraria todo o protocolo para conseguir uma audiência com o monarca. Ao Invés de buscar aos funcionários inferiores do palácio para solicitar uma audiência com o monarca, ele faz a petição diretamente a autoridade real, rejeitando o protocolo da corte:

Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe, Dá-me um barco. A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era a das petições. Como o rei

passava todo o tempo sentado à porta dos obséquios (entenda-se, os obséquios que lhe faziam a ele), de cada vez que ouvia alguém a chamar à porta das petições fingia-se desentendido, e só quando o ressoar contínuo da aldraba de bronze se tornava, mais do que notório, escandaloso, tirando o sossego à vizinhança (as pessoas começavam a murmurar, Que rei temos nós, que não atende), é que dava ordem ao primeiro-secretário para ir saber o que queria o impetrante, que não havia maneira de se calar. Então, o primeiro-secretário chamava o segundo-secretário, este chamava o terceiro, que mandava o primeiro-ajudante, que por sua vez mandava o segundo, e assim por aí fora até chegar à mulher da limpeza, a qual, não tendo ninguém em quem mandar, entreabria a porta das petições e perguntava pela frincha, Que é que tu queres. O suplicante dizia ao que vinha, isto é, pedia o que tinha a pedir, depois instalava-se a um canto da porta, à vespera de que o requerimento fizesse, de um em um, o caminho ao contrário, até chegar ao rei (SARAMAGO, 1998, p.10).

Conforme, cita Becker e Braga (2012) esse comportamento da personagem demonstra uma ruptura com a burocracia especializada e estruturada real do palácio, que serve como uma manutenção da ordem e da autoridade real, perante aqueles que governados por ela. Esse homem que deseja um barco chama diretamente o rei para uma conversa rompendo todo um protocolo real, marca uma tentativa de transição entre a posição do monarca e o povo que ele governa.

Essa atitude do homem sobre a atitude do rei, “O rei percebeu que aquele homem era como um instrumento que poderia causar transformações sociais, ainda que primeiro ao plano pessoal, mas, posteriormente, com uma inclinação perceptível ao coletivo” (SARAMAGO, 1998, p.10).

Ao realizar esse rompimento, o homem quebra temporariamente com sua identidade de súdito obediente e respeitador da autoridade real e da separação de classes ou estamentos existentes entre os plebeus e a nobreza. Assim sendo, a identidade do *homem que buscava um barco* pode servir de exemplo do conceito de Hall (2006) sobre identidades instáveis e meramente ilusórias e em constante transformação.

Além desta interpretação, sobre o conto em si, podemos encontrar outra rápida ruptura no padrão e identidades fixas, também um conceito trabalhado por Hall (2006), esse personagem também reflete a identidade do monarca em si, enquanto autoridade real. Pois, quando o rei espantado ou admirado pela insolência/arrogância de um simples plebeu decide ir até o mesmo, quebrando totalmente o protocolo da corte. O rei vai até o homem e senta no assento, ressalvada a mulher da faxina, que agora está ao lado durante a petição, abrindo mão do poder simbólico do trono e posição de superioridade, que o mesmo oferece em relação aos suplicantes e necessitados que venham em busca de favores reais.

Dessa maneira, essa ruptura da identidade sólida quando o rei se ausenta da posição de autoridade que o trono exerce sobre aqueles que estão suplicando algo, para se manter em quase igualdade em relação ao suplicante, tem como agente a mulher da faxina na ruptura na identidade estável do monarca. No entanto, as rupturas ou colapso de identidade no conto ainda se apresentam, pois durante “audiência” que o homem o rei descobre as razões ou motivos para tal pedido:

E tu para que queres um barco, pode-se saber, foi o que o rei de facto perguntou quando finalmente se deu por instalado, com sofrível comodidade, na cadeira da mulher da limpeza, Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura (SARAMAGO, 1998,p.04).

Mesmo que as atitudes da personagem se tornem cada vez mais contraditórias no decorrer do conto, isso se encaixa na explicação de Hall (2006), sobre o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, mas que se torna fragmentada ou instável por não estar marcada por uma solidez permanente e atemporal:

Dá-lhe o barco, dá-lhe o barco. Perante uma tão iniludível manifestação da vontade popular e preocupado com o que, neste meio tempo, já haveria perdido na porta dos obséquios, o rei levantou a mão direita a impor silêncio e disse, Vou dar-te um barco, mas a tripulação terá de arranjar-la tu, os meus marinheiros são me precisos para as ilhas conhecidas (...) Vais à doca, perguntas lá pelo capitão do porto, dizes-lhe que te mandei eu, e ele que te dê o barco, levas o meu cartão (SARAMAGO, 2006, p. 05).

Dessa maneira, contrariando todas as perspectivas reais ou possíveis, a decisão inusitada do monarca tem a ver com sua crise de identidade que perpassa o personagem na sua mudança da conformidade subjetiva marcada por necessidades passageiras para um colapso total dessa suposta estabilidade.

Retomando, o que Hall (2003) afirmou sobre o conceito identidade do *sujeito do Iluminismo*, sobre uma visão racionalista de sujeito, trajado pela centralização e unificação, na qual aproveita a capacidade de razão e de consciência inata do sujeito, podemos afirmar que em outro personagem *mulher da limpeza* que também se enquadra neste como nesse quadro de ruptura de identidade, marcada pela funcionalidade doméstica da mesma desempenha na casa real.

O próprio fato que a personagem não é identificada com outra denominação há não ser da mulher da limpeza, reforça que tal identidade seria “plenamente unificada, completa, segura e coerente” (HALL, 2006, p.13) em sua funcionalidade de existir. Conforme Hall, podemos discutir que tais identidades são meramente ilusórias, pois:

À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL,2006, p.13).

Essa confrontação desconcertante e mutante das identidades pode ser perceptível no conto de Saramago, através das atitudes particulares do homem que buscava o barco. Pois, as implicações e as consequências de suas atitudes levaram a uma quebra do protocolo e um rompimento temporário na identidade da personagem *mulher da limpeza*, porque a mesma abandonada temporariamente à funcionalidade doméstica passa a atuar como intermediária nas petições junto ao rei e cedendo ao rei um assento que ela mesma ocupava para atender à solicitação:

O assombro deixou o rei a tal ponto desconcertado, que a mulher da limpeza se apressou a chegar-lhe uma cadeira de palhinha, a mesma em que ela própria se sentava quando precisava de trabalhar de linha e agulha, pois, além da limpeza, tinha também à sua responsabilidade alguns, trabalhos menores de costura no palácio como passajar as peúgas dos pajens (SARAMAGO, 2006, p. 03).

Esse fato, embora por mais simbólico e causal que possa parecer, assume um papel fundamental levando a personagem a assumir outras possibilidades e transformações de sua identidade, da mulher que limpa para a mulher que cede um lugar ou assento para o rei atender ao suplicante. Em outras palavras, da mulher que se dedicava anteriormente e que agora fornece ao monarca as condições necessárias para que o mesmo exerça suas atividades reais durante as petições:

Mal sentado, porque a cadeira de palhinha era muito mais baixa que o trono, o rei estava a procurar a melhor maneira de acomodar as pernas, ora encolhendo-as ora estendendo as para os lados, enquanto o homem que queria um barco esperava com paciência a pergunta que se seguiria, E tu para que queres um barco, pode-se saber, foi o que o rei de facto perguntou quando finalmente se deu por instalado (SARAMAGO, 2006, p. 04).

Com sua nova identidade transitória e instável, a mulher reconstrói sua condição de servidora real a auxiliadora adjunta do monarca durante a petição com o suplicante. Considerando que essa mudança de identidade é temporária e efêmera, pois a condição de multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade que o autor afirma acontece no início do conto, quando o rei, o topo da hierarquia aristocrática, inacessível para as demais pessoas de outras camadas ou estratos sociais.

No entanto, um detalhe particular nesta cena da mudança de assento para o rei está no fato que é a mulher da faxina que o ajuda para que isso aconteça: “que a mulher da limpeza se apressou a chegar-lhe uma cadeira de palhinha, a mesma em que ela própria se sentava quando precisava de trabalhar de linha e agulha, pois, além da limpeza” (SARAMAGO, 2006, p. 04).

Nos fragmentos anteriores do conto de Saramago, destaca-se a inusitada atitude do rei em doar um barco para o suplicante para sua viagem rumo à ilha desconhecida como um resultado inusitado da ruptura na identidade estável. Deste ponto em diante, as duas personagens: *mulher da limpeza* e *o homem que buscava um barco* seguem para essa viagem indentitaria já que a mulher decide seguir o homem rumo ao seu insólito destino. Dessa maneira, estarão cada vez mais próximos um do outro no decorrer da narrativa.

2.2 A CHEGADA NAS DOCAS: ABANDONO DA SEGURANÇA ESTÁVEL DA IDENTIDADE

Logo depois, da concessão realizada pelo monarca o homem vai em direção às docas com a autorização real para requisitar um navio para a sua expedição. No entanto, ao encontrar o capitão no porto, o homem mostra autorização do rei para preparar uma embarcação para a sua viagem, se espanto tamanha a ignorância do homem sobre a navegação e o ofício de marinheiro:

O capitão veio, leu o cartão, mirou o homem de alto a baixo, e fez a pergunta que o rei se tinha esquecido de fazer, Sabes navegar, tens carta de navegação, ao que o homem respondeu, Aprenderei no mar. O capitão disse, Não to aconselharia, capitão sou eu, e não me atrevo com qualquer barco, Dá-me então um com que possa atrever-me eu, não, um desses não, dá-me antes um barco que eu respeite e que possa respeitar-me a mim, *Essa linguagem é de marinheiro, mas tu não és marinheiro, Se tenho a linguagem, é como se o fosse* (SARAMAGO, 1998, p. 06) grifo nosso.

Possuir ou não a linguagem de marinheiro, ser ou não um homem do mar implica necessariamente dominar a linguagem daquele grupo que almeja se inserir, reflete a concepção que Hall (2003, p. 76) comenta sobre a estrutura da linguagem:

Os culturalistas haviam definido com coletivas as formas de consciência e cultura. Mas ficaram longe da proposição radical segundo a qual, em cultura e linguagem, o sujeito era 'falado' pelas categorias da cultura em que pensava, em vez de 'fala-las'. Tais categorias não eram, entretanto, somente coletivas, ao invés de individuais: eram, para os estruturalistas, estruturalistas inconscientes.

Contudo, esse caminho diásporo que o homem que busca barcos rompe de imediato com a estrutura fechada, pois agora ele se torna o capitão e o armador do próprio navio. No conto, o homem está em constante mudança ou migração de sentidos que demonstram uma identidade em processo de formação:

Sabê-lo-ei quando lá chegar, *Se chegares, Sim, às vezes naufraga-se pelo caminho, mas, se tal me viesse a acontecer, deverias escrever nos anais do porto que o ponto a que cheguei foi esse, Queres dizer que chegar, sempre se chega, Não serias quem és se não o soubesses já.* O capitão do porto disse, Vou dar-te a embarcação que te convém, Qual é ela, É um barco com muita experiência, ainda do tempo em que toda a gente andava à procura de ilhas desconhecidas, Qual é ele, Julgo até que encontrou algumas, qual, aquele (SARAMAGO, 1998, p. 09) grifo nosso.

A imagem ou referência da *ilha* na narrativa de Saramago tem uma relação com outras obras portuguesas, que tendem a associar a imagem do mar e principalmente do além-mar como a solução para os problemas que afligem os indivíduos e como alternativa para a superação da crise seja existencial, social ou afim. Candido (1987), afirma que é comum na literatura portuguesa a idealização de um espaço ou território além-mar seja um elemento de procura por parte dos protagonistas da narrativa:

O jardim de delícias, o lugar maravilhoso, é um elemento constitutivo da estrutura das epopéias, servindo para contrastar os trabalhos da vida com a promessa ou miragem do ideal. É a *Ilha dos Amores*, em *Os Lusíadas*; o jardim de Armida, ou a vida entre os pastores, *na Jerusalém libertada*; o paraíso bíblico, em Milton; o paraíso à moda brasileira, no *céu do Assunção*, de frei São Carlos. *No Caramuru*, todavia, há uma generalização desta prática, pois o poeta amplia o lugar de maravilhas até fazê-lo coincidir com todo o país e, deste modo, descaracterizar a sua função. Não se trata mais de um segmento excepcional do espaço épico: é todo ele que se identifica ao horto ameno (CANDIDO, 2006, p. 87).

No entanto, o que se torna mais significativo não é o fato de que o homem consegue que o monarca atenda a seu insólito pedido, mas o fato de que a mulher da faxina

deixe seus afazeres reais e suas obrigações no palácio segue o homem que buscava ao barco e o encontra nas docas e pede para fazer parte da sua tripulação rima a viagem à ilha desconhecida:

Mas continua a ser uma caravela, Sim, no conjunto conserva o antigo ar, E tem mastros e velas, Quando se vai procurar ilhas desconhecidas, é o mais recomendável. A mulher da limpeza não se conteve, Para mim não quero outro, Quem és tu, perguntou o homem, Não te lembras de mim, Não tenho idéia, Sou a mulher da limpeza, Qual limpeza, A do palácio do rei, A que abria a porta das petições, Não havia outra, E por que não estás tu no palácio do rei a limpar e a abrir portas, Porque as portas que eu realmente queria já foram abertas e porque de hoje em diante só limparei barcos, Então estás decidida a ir comigo procurar a ilha desconhecida, Saí do palácio pela porta das decisões, Sendo assim, vai para a caravela, vê como está aquilo, depois do tempo que passou deve precisar de uma boa lavagem, e tem cuidado com as gaivotas, que não são de fiar, Não queres vir comigo conhecer o teu barco por dentro, Tu disseste que era teu, Desculpa, foi só porque gostei dele, Gostar é provavelmente a melhor maneira de ter, ter deve ser a pior maneira de gostar (SARAMAGO, 2006, p. 07).

Portanto, essa novidade nas ações da personagem na descrita no fragmento anterior releva, no entanto, uma implícita mudança na identidade da personagem relativo ao contexto social que a mesma abandonou quando decidiu seguir o homem que buscava uma ilha desconhecida, motivada pela curiosidade sobre o desconhecido. Neste caso, podemos detectar uma ruptura na identidade do sujeito ligada a interação com o contexto do qual ela fazia parte. Uma vez desfeita ou perdida essa interação a personagem pode ser tornar irreconhecível, vejamos novamente, o fragmento, quando a personagem afirma sobre sua ruptura:

Quem és tu, perguntou o homem, Não te lembras de mim, Não tenho idéia, Sou a mulher da limpeza, Qual limpeza, A do palácio do rei, A que abria a porta das petições, Não havia outra, E por que não estás tu no palácio do rei a limpar e a abrir portas, Porque as portas que eu realmente queria já foram abertas e porque de hoje em diante só limparei barcos, Então estás decidida a ir comigo procurar a ilha desconhecida (SARAMAGO, 2006, p. 07), grifo nosso.

Além disso, a própria particularidade do conto sobre a necessidade de uma viagem rumo ao desconhecido, reflete sobre uma metafórica viagem de autodescoberta do sujeito. O que revela em Saramago, segundo alguns estudiosos, de uma linguagem metafórica neste trecho do conto:

Saramago, através desse conto faz uma metáfora da necessidade de fazermos a nossa própria viagem em direção a nós mesmos, traz o passado até nós, lembrando o período das grandes navegações para representar o sentido das

descobertas humanas, a busca de si mesmo, de seu mundo interior, ir onde nenhum outro jamais esteve e descobrir verdades profundas escondidas na alma (BECKER e BRAGA, 2012, p. 08).

Nota-se, portanto, no fragmento anterior do conto de Saramago certa ruptura na identidade da personagem, quando a mesma revela que deixara o palácio e viverá em uma embarcação de agora em diante. Podemos então, comparar essa troca a antiga morada da personagem (o palácio) com a nova (barco) como uma mudança ou ruptura do contexto social que envolveu a personagem, na qual as identidades são fixas e estáveis para outro novo e inesperado.

Essa ruptura marca uma nova noção de identidade que pode ser identificada por *sujeito sociológico*, que depende das interações entre o sujeito o meio que o cerca. Essa noção de *sujeito sociológico*, de acordo com Hall (2003), está relacionada ao aumento da complexidade do contexto social que envolve o homem, a cultura, os valores morais e as relações humanas, e como por seguinte, a dependência do homem há esse a contexto.

Nesta perspectiva, Hall (2003) define que o sujeito sociológico não autossuficiente ou muito menos autonomia em relação ao contexto social que faz parte. O sujeito sociológico então é definido como um produto ou fruto da interação com esse contexto social:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o 'interior' e o 'exterior', entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a 'nós próprios' nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados de que projetamos a 'nós próprios' nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os 'parte de nós', contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, 'sutura') o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quando os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis (HALL, 2006, p. 34).

Essas contribuições teóricas de Hall (2006) podem ser exemplificadas no seguinte fragmento da obra de Saramago, quando o homem aceita a mulher na tripulação do seu barco para a viagem em questão:

O capitão do porto interrompeu a conversa, Tenho de entregar as chaves ao dono do barco, a um ou a outro, resolvam-se, a mim tanto se me dá, Os barcos têm chave, perguntou o homem, Para entrar, não, mas lá estão as arrecadações e os paióis, e a escrivania do comandante com o diário de bordo, Ela que se encarregue de tudo, eu vou recrutar a tripulação, disse o

homem, e afastou-se. A mulher da limpeza foi ao escritório do capitão para recolher as chaves, depois entrou no barco, duas coisas lhe valeram aí, a vassoura do palácio e a prevenção contra as gaivotas, ainda não tinha acabado de atravessar a prancha que ligava a amurada ao cais e já as malvadas estavam a precipitar-se sobre ela aos guinchos, furiosas, de goela aberta, como se ali mesmo a quisessem devorar. Não sabiam com quem se metiam. A mulher da limpeza pousou o balde, meteu as chaves no seio, firmou bem os pés na prancha, e, redemoinhando a vassoura como se fosse um espadão dos tempos antigos, fez debandar o bando assassino (SARAMAGO, 2006, p. 08).

Ao analisar detalhadamente esse fragmento, podemos perceber que a personagem mantém a vassoura que representava o objeto que faz alusão a sua antiga identidade, agora empregada com novas funções: “e a prevenção contra as gaivotas, ainda não tinha acabado de atravessar a prancha que ligava a amurada ao cais e já as malvadas estavam a precipitar-se sobre ela aos guinchos, furiosas” (SARAMAGO, 2006, p. 08).

Essa nova função, marca o novo alinhamento de nossos *sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural*, ou como o próprio, Hall (2006) define um sutura com aquilo que nos identificamos com o meio social, nesse caso, da personagem a nova adaptação de seu objeto de trabalho marca os novos alinhamentos ou adaptações que a personagem faz em seu novo contexto: “redemoinhando a vassoura como se fosse um espadão dos tempos antigos, fez debandar o bando assassino” (SARAMAGO, 2006, p. 08).

Neste contexto, fica claro que a curiosidade da mulher pela busca a ilha desconhecida é a maneira pela qual a personagem se mostra mais ativa em relação a empreitada do que antes no palácio do rei. A busca do homem pelo desconhecido está agora sendo compartilhado pela mulher, sendo que nesta a uma intensidade maior.

Para Becker e Braga (2012), o desejo do homem em busca do desconhecido se mostra a partir desta busca de complemento “completaria o outro, que a compreensão das verdades mais profundas, escondidas na alma (como uma ilha) seria possíveis” (BECKER, BRAGA, 2012, p. 12).

Essa interpretação dos autores é válida sobre a busca de um complemento para a existência eu estar além-mar, contudo podemos agregar a tal conceito com que Hall (2003, p.25) afirma sobre a identidade em diáspora ou em transição, como “O que esses exemplos sugerem-me que a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno”. Retornar, voltar a percorrer a aquilo que o instiga o que o motivo, como uma forma de busca sobre o conhecimento de si mesmo. Esse desejo não é apenas

compartilhado pelo o homem que desejava o barco, mas também pela mulher da faxina, que manifesta esse desejo repentino de buscar algo além dessa concepção cultural de fachada, como Hall (2003), discutiu o efeito de uma diáspora cultural em busca de novos horizontes para si e para sua formação de sua identidade:

Compreender o porquê da cara de caso com que a mulher da limpeza havia estado a olhar, foi esse o preciso momento em que ela resolveu ir atrás do homem quando ele se dirigisse ao porto a tomar conta do barco. Pensou ela que já bastava de uma vida *a limpar e a lavar palácios, que tinha chegado a hora de mudar de ofício, que lavar e limpar barcos é que era a sua vocação verdadeira, no mar, ao menos, a água nunca lhe faltaria* (SARAMAGO, 1998, p. 08) grifo nosso.

As identidades dos personagens do conto estarão sempre associadas ao papel ou função que desempenham na narrativa, seja na corte do rei que mudo de atitudes, seja o homem que desconhece o mar e os mapas, seja a mulher da faxina que planeja embarçar na insólita viagem para o desconhecido. Conforme Becker e Braga (2012) citam sobre as características da personagem:

Já sabia ela que precisamos estar longe de nós mesmos para podermos enxergar melhor nossa natureza, e que só assim venceremos os obstáculos do caminho humano, por isso troca sua rotina enfadonha por uma viagem poética em busca de seus sonhos (BECKER e BRAGA, 2012, p.08).

Retomando novamente a concepção de Hall (2006), na terceira concepção de identidade, a *pós-moderna*, ao invés conceitos sólidos e únicos de identidade, apresentasse uma sistema de significação e representação cultural se multiplica de maneira desconcertante e mutante de possíveis identidades temporárias. No conto, então percebemos certas características dessa identidade pós-moderna quando a mulher antes identificada como mulher da limpeza do palácio passa a exercer atividades regulares na taifa e na popa da embarcação, assumindo várias responsabilidades e inclusive sobre a própria preparação da expedição:

Primeiro, tens de ver o teu barco, só o conheces por fora, Que tal o encontraste, Há algumas bainhas das velas que estão a precisar de reforço, Desceste ao porão, encontraste água aberta, No fundo vê se alguma, de mistura com o lastro, mas isso parece que é próprio, faz bem ao barco, Como foi que aprendeste essas coisas, Assim, Assim como, Como tu, quando disseste ao capitão do porto que aprenderias a navegar no mar, Ainda não estamos no mar, Mas já estamos na água, Sempre tive a idéia de que para a navegação só há dois mestres verdadeiros, um que é o mar, o outro que é o

barco, E o céu, estás a esquecer-te do céu, Sim, claro, o céu, Os ventos, As nuvens, O céu, Sim, o céu (SARAMAGO, 2006, p.10).

Para um melhor estudo sobre os modos de caracterização desta personagem no conto de Saramago, podemos compreender que essa alteração na narração, de um narrador em terceira pessoa para um narrador-personagem que se apresenta como uma personagem que apresenta multiplicidade de identidades temporárias que assumem a posição de destaque em certas ocasiões ao longo da narrativa. Dessa maneira, o presente texto de Saramago apresenta diferentes possibilidades de construção da identidade da personagem, pois agora a mesma age de maneira direta sobre o homem que queria uma embarcação, sendo ela mesma que abandona a antiga identidade estável de mulher da faxina para ser a mulher que comanda a embarcação:

É realmente bonita a nossa caravela, disse a mulher, e emendou logo, A tua, a tua caravela, Desconfio que não o será por muito tempo, Navegues ou não navegues com ela, é tua, deu-ta o rei, Pedi-lha para ir procurar uma ilha desconhecida, Mas estas coisas não se fazem do pé para a mão, levam o seu tempo, já o meu avô dizia que quem vai ao mar avia-se em terra, e mais não era ele marinho, Sem tripulantes não poderemos navegar, Já o tinhas dito, E há que abastecer o barco das mil coisas necessárias a uma viagem como esta, que não se sabe aonde nos levará (SARAMAGO, 2006, p. 12).

Para Calbucci (1999), a interpretação, conto de Saramago apresenta inicialmente um ruptura no quadro das identidades fixas dos personagens, pois os mesmos não são definidos posição que ocupam mas o papel ou desempenham que exercem na narrativa. Neste sentido e perspectiva, podemos perceber que ao longo da narrativa de Saramago a personagem sofre ou passa por outras rupturas ou passagem de identidade. Dessa maneira, a transição da identidade da personagem ora em serviçal ora como pessoa encarregada pela agora da preparação e a realização da viagem, embora a mesma viagem não se concretize e as personagens encontrem-se consigo e com a própria identidade em si mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou alguns traços ou questões da crise de identidade conforme Stuart Hall, na obra *Conto da ilha desconhecida*, de Saramago. A crise de identidade que Hall aborda possui um cunho existencial e social que podem estar presentes na obra de Saramago.

Dessa maneira, acredita-se que alguns aspectos dessa figura identitária em crise estão presentes na narrativa saramaguiana e retrata os conflitos do sujeito pós-moderno. Assim sendo, nosso objetivo geral é destacar alguns aspectos, ranços ou traços sobre a crise de identidade do no existente no conto de Saramago.

Em torno da seguinte problemática: Quais seriam os possíveis ranços ou resquícios de crise de identidade, presentes nas personagens envolvidas com a temática da busca pela identidade perdida na obra *O conto da ilha desconhecida* de José Saramago?

Dessa maneira, tomamos como hipótese para responder tal indagação que na obra *O conto a ilha desconhecida* de José Saramago apresenta alguns traços de uma crise do sujeito pós-moderno, nas ações dos anônimos personagens mulher da faxina e do homem que buscava barcos, tratam da busca pela sua própria identidade ao longo do conto.

Assim sendo, na verificação de tal hipótese observou-se que os personagens sofrem alterações ou rupturas nas estruturas identitárias de cada personagem. Sendo que essas estruturas não apresentem um caráter fixo ou estável, mas uma particularidade diáspora e instável sujeita transformações e alterações contastes em suas atitudes.

Nesta direção e neste sentido, podemos concluir que essas personagem apresentam crises ou rupturas em suas identidades, sendo coerente com essa abordagem de Hall (2006) sobre as rupturas e transformações que a identidades constantemente.

Além disso, podemos também afirmar que as identidades dos personagens na obra de Saramago estão em processo de (des)construção de suas respectivas identidades a partir das crises e enfrentamentos diários que ocorrem com os mesmos.

Devido, então, a essas particularidades no obra de Saramago podemos crer que a mesma apresenta características especiais e coerente com a definição de Hall (2006) sobre a identidade em constante transformação, demonstrando um processo de formação da identidade dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si

mesmo, constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. Esses processos de mudança tomados em conjunto, representam um processo de transformação e nos leva a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo (re) transformada diariamente.

REFERÊNCIAS

ARMANI, Carlos Henrique. **Por uma Escrita Pós-Colonial da História: uma introdução ao pensamento de Stuart Hall**. Disponível em: < [http. www.contosaramagp.com](http://www.contosaramagp.com)>. acesso em 20 out 2015.

BECKER, Janete da Costa. BRAGA, Maria Alice. **Análise Da Obra: O Conto da Ilha Desconhecida**. Disponível em: < [http. www.contosaramagp.com](http://www.contosaramagp.com)>. acesso em 12 out 2015.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: < [http.www. sociedadedospoetas. Amigos](http://www.sociedadedospoetas.Amigos)>. Acesso em 16 de jan 2015.

CALBUCCI, Eduardo. **Saramago - um roteiro para os romances**. São Paulo: Ateliê, 1999.

GOMES, Álvaro Cardoso. **A voz itinerante**. São Paulo: Edusp, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: Identidade se mediações culturais**/Trad.Adelaine La Guardia Resende et. all. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília, 2003.

ROSA, Guilherme Carvalho da. **A discussão do conceito de identidade nos estudos culturais**. Disponível em: < [http. www.contosaramagp.com](http://www.contosaramagp.com)>. acesso em 12 out 2012

SARAMAGO, José. **O conto dai ilha desconhecida**. Lisboa: Caminho, 1999.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Trad. Elias Ferreira Edel. 6º ed. Petrópolis: Vozes, 1994.